

26 SET 1988

# Alerta oportuno

**N**o discurso que proferiu ontem nas Nações Unidas, o presidente José Sarney foi ao âmago de uma questão chave do nosso tempo ao acusar as nações industrializadas de submeter as não industrializadas a um modelo econômico que elas próprias não praticam. De fato, esse é, em essência, o principal problema contemporâneo das relações econômicas internacionais. Eles vêm cristalizando as diferenças que separam os pobres dos ricos, impedindo a mobilidade no plano internacional.

O modelo que os industrializados impõem aos países pobres é o liberalismo econômico, que encontra ampla justificação ética, circunstância que tem dificultado a nossa recusa em praticá-lo. Sem dúvida, o liberalismo deveria ser o estuário da economia capitalista, conceitualmente a economia do livre mercado. A soberania do mercado é o princípio que sustenta as democracias econômicas ocidentais e que as diferencia dos sistemas socialistas de diferentes matizes vigentes no mundo.

Os países industrializados há muito, entretanto, deixaram de praticá-lo. Exemplo gritante é o Japão, um país curiosamente contraditório e hipócrita nas suas relações internacionais. Não há no mundo capitalista economia mais fechada do que a do Japão, onde o protecionismo atingiu o paroxismo. Não obstante, desconhecemos outro exemplo na histó-

ria econômica mundial de país que haja se beneficiado tanto dos mercados estrangeiros. O Japão cresceu à custa de investimentos americanos e da abertura dos mercados de todo o mundo aos seus produtos, mas não cede um milímetro do seu mercado nacional a empresas ou produtos estrangeiros.

O Japão, porém, só é um caso isolado no que diz respeito à dimensão do seu avanço para o mundo exterior mas absolutamente em nada difere, do ponto de vista conceitual, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Europa Ocidental, da França. Todos são altamente protecionistas e todos, a uma só vez, pregam o liberalismo e o exigem nos países subdesenvolvidos.

O alerta dado pelo presidente José Sarney foi extremamente oportuno, mas cairá no vazio se outros líderes latino-americanos não se juntarem para pôr em prática a rebeldia que discursam. A América Latina deveria dar um passo concreto no sentido de reordenar a filosofia do capitalismo fechando seus mercados aos produtos japoneses. Aí, sim, o mundo desenvolvido compreenderia as razões da nossa crise e, provavelmente, uma luz se acenderia no nosso horizonte. Não podemos permitir que a pobreza seja para nós um determinismo histórico. Temos o direito e o dever de lutar pela prosperidade.